

# Fome começa a ceifar vidas no Niassa

3/1/87

## • Camponeses obrigados a deslocarem-se e impedidos de produzir

A fome, que perdura desde os primeiros meses do ano no Niassa, particularmente em alguns distritos da província, já começou a provocar mortes em crianças. A acção dos bandidos armados agrava problemas na produção alimentar. Largas dezenas de pessoas abraçaram o nomadismo, a maior parte delas fugindo aos terroristas. Essas pessoas, na esmagadora maioria camponeses, que não produzem, vivem de raízes, tubérculos, frutos silvestres e folhas de plantas herbáceas, segundo apurou a nossa Reportagem em visita a alguns locais mais afectados.

Nos arredores a capital provincial Lichinga, onde as zonas verdes ainda não conhecem qualquer implantação, as alternativas alimentares são raras e, pata a maioria das populações, resumem-se a folhas de plantas herbáceas mais conhecidas por «kimbongue» em ajaua e «tutuly» em macua, ou ainda, na melhor das hipóteses, as folhas da batata-doce e pouco mais.

Mas se na capital do Niassa se vive desta maneira, em outros pontos da província e em especial nos distritos do centro, sul e norte as condições de vida são de facto mais difíceis, devido à acção de sabotagem e roubo que os bandidos armados empreendem contra as populações.

É assim que, em muitas zonas, as populações vivem quase exclusivamente de frutos silvestres, tubérculos e folhas de plantas herbáceas, cujos nomes diferem consoante os grupos populacionais que constituem os habitantes do Niassa.

Nos distritos, onde o acesso é difícil não somente por causa dos bandidos armados, mas também por dificuldades de transporte e de onde nem sempre as estruturas provinciais do Partido e do Estado recebem informação regular, as condições de alimentação são descritas como muito difíceis pelos administradores com quem a nossa Reportagem dialogou.

### MORTE DE CRIANÇAS

Em Lussanhando, a pouco menos de 15 quilómetros de Lichinga, muitas crianças perderam a vida nos últimos meses, por falta de alimentos e devido a doenças que, com a falta de medicamentos suficientes andam de mãos dadas com a fome, segundo

revelou o Secretário da aldeia comunal do mesmo nome, Armando Moda deputado à Assembleia Provincial.

As mortes de menores registam-se por vezes, na ausência das mães, quando estas procuram algo que alimente os filhos. Armando Moda revelou que nunca houve tanta frequência de mortes nesta zona, e atribui o facto à fome que grassa em muitos distritos da província e em especial na sua localidade.

O estado de subnutrição em que se encontram muitas crianças e alguns velhos já sem amparo da família torna vulneráveis as várias doenças.

Nesta localidade (Lussanhando) para

além de se comer «kimbongue» de pouco ou nenhum poder nutritivo as populações andam pelas montanhas à procura de um tubérculo considerado altamente venenoso e cuja preparação requer muitos cuidados.

Nesta busca de produtos pela mata

outros grupos populacionais em preendo jornadas de mais de um dia à procura de abastecimento, preferindo muitas vezes entregar a sua própria roupa em troca de alguns quilos de milho ou feijão.

Casos inéditos ocorrem diariamente em muitos pontos dos distritos havendo situações tão tristes como a de mães que trocam as capulanas

com que amarram seus filhos por uma lata de milho.

O secretário da aldeia comunal de Lussanhando, o deputado da Assembleia Provincial Armando Moda, revelou que um familiar dele trocou há dois meses atrás a sua motorizada por quatro latas de milho porque já não tinha mais nada para si e sua família.

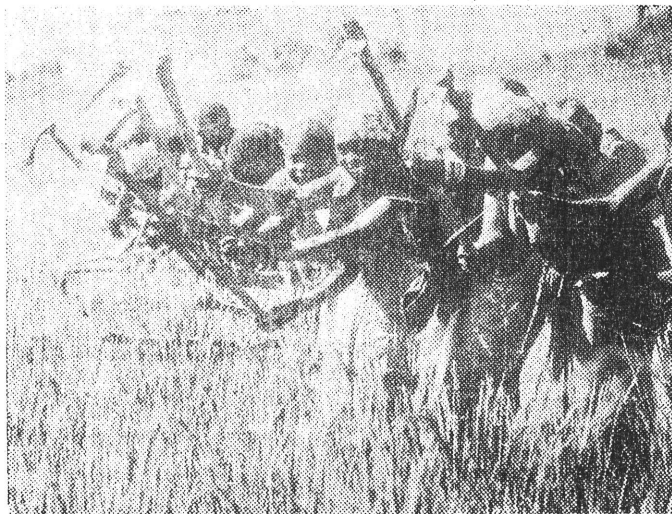
No distrito de Mavago, a norte do distrito de Lichinga, a situação da fome é mais aguda, devido à acção dos bandidos armados, segundo revelou o administrador da zona, que acrescentou que as populações trocam mantas por meia lata de milho, havendo famílias já sem nenhum haver para efectuar trocas.

Para além do conhecido «kimbongue», as populações vivem também de «mapetwa» e «massuco», este último um fruto silvestre sem sabor. O consumo excessivo do tubérculo e o desleixo na sua preparação provocam mortes, segundo revelou o comandante de uma unidade militar estacionada em Choulue, o Tenente-Sóznio Afonso Xinavane, um deputado à Assembleia Provincial.

Xinavane disse tratar-se de um tubérculo que abunda geralmente nas montanhas e, quando consumido sem se ter em conta os cuidados necessários, provoca embriaguês, seguida de náuseas e vômitos.

Um elemento da população descreveu os cuidados a ter em conta, dizendo que, depois de retirado da terra, o tubérculo é descascado, lavado, cortado em pedaços (como se fosse mandioca) e deixa-se ferver durante uma hora, finda a qual se deita fora toda a água e volta-se a lavar e ferver. Só depois desta segunda fervura por igual tempo é que se pode consumir o tubérculo, também sem nenhum gosto.

Situações como estas repetem-se em muitos distritos do Niassa onde apesar do esforço em curso empreendido pelo Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais a fome continua a subsistir na província.



A produção não se pode verificar devido à seca e à acção dos bandidos armados. (Foto do Arquivo)